

Transcrição.

Entrevistador: Dia 20 de dezembro de 2003, eu Vanessa Viviane e o Arílson Tomás estamos entrevistando a Dona Zulmira Lourenço Simas, em sua residência no bairro de São Lourenço, em Niterói. Esta entrevista é para o curso de História Oral do 2º semestre de 2003 sobre a história do bairro de São Lourenço.

Entrevistador: Dona Zulmira, gostaria que a senhora falasse seu nome completo, a sua idade e o local do seu nascimento.

Zulmira: Meu nome é Zulmira Lourenço Simas, moradora a 70 anos, adoro esse lugar, criei minhas filhas, casei, tenho meus netos, e agora tenho bisnetos, sou bem feliz nesse lugar. Minha idade, oitenta e ..., vou fazer oitenta e dois anos. Nasci dia 4 de setembro de 1922.

E: Dona Zulmira, a senhora nasceu em que lugar aqui [Niterói]

Z: Eu nasci na Ilha da Conceição, na cidade de Niterói. E vim pra aqui com doze anos. Aqui que estudei, no colégio público, Colégio Pinto Lima. Só estudei até a quinta série. Aí...fui trabalhar, meus pais não queriam, mas fui trabalhar para ajudar a fazer meu casamento. Casei-me com dezenove anos. Aí, fui morar no mesmo local.

E: Dona Zulmira, agente vai falar um pouquinho dos seus pais, seus avós, seus antepassados. É ..., onde nasceu o seu pai?

Z: Meu pai, é Francisco Martins Gonçalves, aposentado pelo Loide Brasileiro. Meu pai era português, casado com a minha mãe, brasileira, filha de espanhol. Minha mãe Presença Lourenço Gonçalves.

Meus avós? Era ..., Bernardo Lourenço Gonçalves, também. E minha avó, Maria Vidal Lourenço.

E: È..., seus avós, é ..., pais do seu pai né?

Z: Minha mãe.

E: Pais da sua mãe?

Z: È.

E: E, no caso, eles faziam o quê, os pais da sua mãe, a atividade deles.

Z: Eles? Moravam na Ilha da Conceição, meus avós.

E: Pais da sua mãe?

Z: Morreram, moravam lá, eles tinham um comércio, tinham um comerciozinho lá. Depois, meu avô morreu. Minha avó foi embora para Campo Grande. Lá, ela comprou um sítio, ficou morando lá muito tempo. Ela vinha aqui, pegava a gente para passar dias lá, agente ficava lá um pouco com ela.

E: E..., os pais do seu pai, no caso?

Z: Os pais do meu pai, Portugal. Não tenho grande [interrupção], eu sei que minha avó era Ana, minha avó portuguesa. E meu avô era José.

E: A senhora não o conheceu?

Z: Não conheci.

E: E assim, quantos irmãos a sua mãe teve?

Z: Minha mãe? Oito irmãos.

E: E, eles trabalhavam em que, assim, aonde, em que?

Z: Meus irmãos?

E: Não, não, seus tios. Os irmãos da sua mãe.

Z: Não sei. [pausa]. Eles trabalhavam [pausa], minhas irmãs eram domésticas. Quer saber o nome delas também?

E: Pode falar senhor.

Z: Era Maria do Pilar Lourenço, Carmem Lourenço, Zilma Lourenço Machado, Regina Lourenço Cardoso, Adilina Lourenço Fonseca, Nilda Lourenço [pausa] Nilda Lourenço, esqueci o sobrenome, são tantos irmãos e Albertino Lourenço Gonçalves, meu irmão.

Meu pai conheceu minha mãe no comércio, que era dos meus avós, aí lá, chegando de Portugal com 22 anos, gostou da minha mãe e casaram.

E: Sua mãe tinha que idade?

Z: Minha mãe tinha dezenove anos.

E: Isso, na Ilha da Conceição?

Z: Na Ilha da Conceição.

E: E, tinha alguma lembrança dos seus tios?

Z: Meus tios? São daqui. Meu tio é de Campo Grande. Ele nasceu lá. Lá se casou. Casou até com uma turca. Eles não possuíam filhos. Ele, com dez anos de casado, veio a falecer a esposa, logo em seguida, ele faleceu também. Único tio, Manoel Lourenço Gonçalves.

E: Irmão da sua...

Z: Da minha mãe.

E: Então, seus pais se conheceram na Ilha da Conceição ?

Z: Na Ilha da Conceição.

E: E, da Ilha da Conceição, eles foram para qual local, assim?

Z: Da Ilha da Conceição, eles vieram para Marechal Deodoro. Abriram um bar. Aonde eles começaram a vidinha deles. Depois vieram para cá.

E: Aí, depois eles vieram para São Lourenço? A senhora tinha quantos anos?

Z: 12 anos.

E: 12 anos então. E qual era a casa?

Z: A casa era ali.

E: É..., na rua?

Z: Travessa Araribóia, 258.

E: Então, a senhora desde quando veio morar aqui, sempre residiu nesta mesma rua?

Z: Nesta travessa.

E: Na Travessa Araribóia, né? E..., quando seus pais, na época que eles vieram aqui para São Lourenço, eles faziam o quê? Trabalhavam em quê?

Z: Meu trabalhava no Loide Brasileiro. Essa Companhia já acabou agora, mas era uma firma muito..., meu pai trabalhava, fazia serão, ele mantinha nós todos.

E: Então, quando a senhora nasceu, seu pai exercia que função? Já trabalhava?

Z: Comércio.

E: Ah, comércio. Depois...

Z: Conheceu minha mãe no comércio, na Ilha da Conceição.

E: Dona Zulmira, como que era a sua casa, a senhora tem lembranças, assim, da sua casa, na Ilha da Conceição?

Z: Era um barzinho que meu pai tinha, criava negócio de pensão lá nos fundos.

E: Quantos anos a senhora tinha?

Z: 2 anos.

E: E, a senhora tem assim nas lembranças da ... , depois que a senhora saiu da Ilha da Conceição sobre a sua casa?

Z: Sim, depois que nós saímos da Ilha da Conceição, a minha mãe veio morar lá na Marechal Deodoro, perdeu um..., eu perdi uma irmãzinha naquela época, era criança, eu lembro, a minha mãe ficou muito triste de perder a irmãzinha, essa “zinha” eu não falei o nome naquela hora porque [pausa], se chama Iracema, o nome dela. Aí eu era criança, mas lembro muito .

E: Como é que era assim sua casa?

Z: O barzinho?

E: Na rua Marechal Deodoro .

Z: Era um barzinho também, duas portinhas, aí meu pai [pausa]

E: A senhora lembra assim, com quantos anos foi morar nessa casa?

Z: Dois anos.

E: Com dois anos ? E quanto tempo [interrupção por parte da entrevistada]

Z: Já tinha duas irmãs já.

E: A senhora permaneceu lá, quanto tempo? Assim, até...?

Z: Na Marechal Deodoro? Depois de lá, nós viemos para aqui, para São Lourenço. Já vim mocinha pra cá, com 12 anos.

E: Então, com 12 anos a senhora veio para São Lourenço?

Z: Hum, hum...

E: Como é que era a sua casa então aqui, lá em São Lourenço?

Z: A minha casa era muito alegre, eu minhas irmãs. No sábado, agente fazia chocolate. Vinha as colegas todas, porque meu pai não gostava que agente saísse. Gostava que agente

ficasse tudo em casa, e convidava mais ou menos umas doze, quinze pessoas, meninas, e agente fazia a nossa farrinha na nossa casa, aquilo para meu pai era uma felicidade.

E: Então moravam quantas pessoas assim, na casa?

Z: Na casa moravam [pausa para pensar] sete irmãs, meu pai e minha mãe.

E: E os vizinhos aqui, como é que eram?

Z: Os vizinhos muito bom, ótimos. Agente convive com eles já a muitos anos, até ainda tem vizinho daquele tempo.

E: E como é que era o lazer assim no bairro, naquela época.

Z: As festinhas na Igreja eram muito bonitas, muito bem freqüentada, não havia briga, era muita união. Tinha procissão. No dia da festa, vinha muito visitante, vinha políticos, era muito freqüentada. Agora ficou um pouquinho esquecido, mas está voltando de novo.

E: Então, durante a sua infância, a senhora participava da festa?

Z: Graças a Deus.

E: Das missas, das procissões...

Z: Passava listinha para fazer prenda, para arranjar prenda.

E: Então, e os seus pais trabalhavam em que nessa época que a senhora morava aqui no morro?

Z: Minha mãe era doméstica, trabalhava em casa. E meu pai trabalhava no Loide Brasileiro, era uma firma muito grande.

E: É ..., a senhora estudou aqui [interrupção por parte da entrevistada]

Z: Estudei até a quinta série .

E: A senhora tem alguma lembrança, assim?

Z: Tenho lembrança que não pude estudar mais, porque tive que criar irmãos, cuidando deles, aí não pude nem sair, só saí para me casar.

E: Queria que a senhora falasse um pouco mais da Igreja, da festa.

Z: A Igreja tinha leilão, era muito bonita festa. Depois, acabou negócio de leilão, não tem mais, pessoal antigo gosta de leilão né? Arrematava prenda, não tem mais não.

E: Vamos falar de um outro evento, o carnaval, e outras festas que são comemoradas aqui nos bairros de Niterói. Como é que era assim, na sua infância.

Z: Carnaval, a gente descia todo mundo pra Avenida, Avenida Amaral Peixoto. Era muito bonito, agente ia ver os ranchos. Meu pai carregava todo mundo, ia pra lá pra baixo. Que aqui não tinha nada, o povo descia tudo pra Niterói.

E: Dona Zulmira, vamos passar agora um pouquinho para sua infância e para a sua adolescência. É..., a casa onde a senhora morava, a senhora morava na Travessa Araribóia, continuou morando sempre na mesma casa ou a senhora se mudou?

Z: Quando me casei, meu pai comprou a de frente e vim morar na outra que é a número onze, até hoje.

E: Então, na mesma rua né?

Z: Na mesma rua.

E: A senhora quando se casou saiu da residência dos seus pais e foi morar com seu marido, né?

Z: Sim.

E: Aí passou a morar aqui, a senhora e o seu marido, não é isso ?

Z: Não, com meu pai, depois fiquei uns tempos. Mas depois fui morar lá na Barão de Amazonas. Cento e nove, a casa. De lá tive a minha filha.

E: Com quantos anos a senhora foi para lá? Saiu daqui de São Lourenço [interrupção por parte da entrevistada]

Z: Fiquei lá, um ano e pouco.

E: A senhora tinha quantos anos mais ou menos, na época.

Z: 22 anos.

E: Aí, a senhora ficou um ano e meio, depois...

Z: Voltei pro mato, pra essa casa aqui.

E: Pra essa casa. Aí moravam [interrupção da entrevistada]

Z: A onde acabei de criar minhas filhas. Aqui elas casaram, foram pra casa delas. Moram lá no Barreto.

E: Dona Zulmira, como é que é essa relação da senhora com os seus pais? Eles interferiam na questão de namoro?

Z: Ah, eles se metiam muito, não gostavam. Eles queriam escolher. Naquele tempo, eles tinham amor a gente. Tinha que saber como era, se trabalhava, o que que era.

E: Dona Zulmira, qual foi o ano e assim a idade quando a senhora se casou?

Z: 19 anos. Meu marido tinha quinze anos a mais que eu.

E: A senhora já trabalhava quando se casou, ou ainda não?

Z: Não, eu trabalhei no laboratório, mas saí para casar.

E: De lá para cá, depois que casou não trabalhou mais?

Z: Não trabalhei mais.

E: Como a senhora conheceu seu marido?

Z: Uma visita que o meu cunhado trouxe. O primeiro que apareceu, eu me casei. Possuí duas filhas, Marisa e Marila.

E: Qual é a idade delas?

Z: Uma tem 58 e a outra 59. e tenho um filho que eu criei, quarenta e dois anos.

E: O seu esposo, ele era de onde?

Z: Meu esposo? De Niterói também.

E: De Niterói também?

Z: Esse meu filho que eu crio, minha irmã morreu de parto dele. Minha irmã morreu e parto dele, com doze horas de nascido eu peguei ele para mim. Tem 42 anos, é maravilhoso para mim. Formou-se advogado.

E: E as suas outras filhas?

Z: Minhas filhas, uma trabalhava na Franquímica, laboratório. E outra trabalhou no comércio. Depois também, casaram muito mais velhas de que eu. Elas tinham mais apoio, saíam mais, tinha mais liberdade. Hoje elas tem comércio por conta delas, casa de flores .

E: Dona Zulmira, quanto tempo assim, durou o seu casamento?

Z: 10 anos.

E: E como foi esse processo?

Z: Separei, negócio de gênio, ele tinha muito gênio, ciúme. Tinha ponto de sair e deixar a casa trancada. Eu estava com 27 anos, meus pais tinham um desgosto, falavam antes nunca tivesse casado.

E: Como é que eram as brincadeiras naquele tempo?

Z: Eu brinquei de boneca, fazia roupinha de bonequinha de pano naquela época. Minhas filhas também estudaram em colégio público no primário. No ginásio já foi para o particular. Se formaram, tiveram mais estudo que eu.

E: Qual é o nome do colégio? A senhora lembra que elas estudaram?

Z: José Clemente, fizeram o ginásio. E particular, [interrupção], não, público foi o mesmo que estudei, Plínio Lima.

E: E a festa de São Lourenço na infância de suas filhas continuava com as mesmas tradições?

Z: Sim, elas fizeram a comunhão nesta Igreja, acompanhava toda a vez a procissão, faziam parte de uns capuchinhos.

E: Fala um pouco do bonde.

Z: Na época de criança, eu viajava pro colégio de bonde. Aquele tinha hora certa para chegar, porque o bonde passava e deixava agente no colégio, era muito bom. Agente não entrava de graça, era pago, hoje estudante já tem mais liberdade.

E: A senhora lembra de alguma história do carnaval do bonde?

Z: Agente batia campainha, coitado do motorista. Sofria pra caramba. Era muito bacana o carnaval no bonde.

E: A senhora participava ano a ano do carnaval no bonde?

Z: Ah, muito bom.

E: A senhora tem alguma lembrança?

Z: Ah, lembro muito. Agente descia tudo aqui de cara tapada, mexia com os outros.

E: Qual a visão da senhora para o Rio de Janeiro?

Z: O Rio de Janeiro é muito bom. Mas quando entrou a fusão que foi proibido o jogo do bicho, fiquei muito triste, eu gostava de fazer minha fezinha. E às vezes passava o policial,

já estava me escondendo com medo. Agora a ponte facilitou muito. Ia ao Rio de Janeiro fazer compras, sempre comprei talão do Silvio Santos. Todo ano ia lá buscar mercadoria.

E: Quanto as mudanças que ocorreram em Niterói após a criação da ponte?

Z: Eu só tenho lembranças boas. Eu adoro Niterói. Tem aquele museu que foi o prefeito José Roberto da Silveira que preparou, muito bacana, é histórico. O pai dele foi também um homem muito inteligente, Jorge Roberto da Silveira. Então, só tem coisa boa, graças a Deus. Atualmente tem dado alguma violenciazinha que eu rezo todo dia para nunca vim, que são uns menores, coitados, que não tem uma criação boa. Esses menores, tadinhos os pais trabalham, deixam eles soltos. Isso é muito triste. Por isso é que ta dando essa violência, não tem pai que cuide.

E: Como é que a senhora vê a relação dos políticos com o bairro de São Lourenço? Eles são muito presentes ainda hoje ou não?

Z: Os políticos, quando estão em época de política, eles apresentam muito, né.

E: Nessas épocas de eleição eles vêm muito?

Z: Vem, Vem. Dá ajuda às vezes a pessoa que precisa, eles dão ajuda. Eles vêm promete, eles fazem.

E: Mas, foi sempre assim, desde quando a senhora veio morar em São Lourenço?

Z: Sempre, é. Isso aqui era um caminhozinho, botaram asfalto, né. Temos ônibus, por intermédio da minha irmã, e dos políticos também, ajuda, né? A minha irmã correu muito, se não fosse ela, não tínhamos ônibus aqui não. Minha irmã trabalhou por vinte anos nessa Igreja, teve a sorte de morrer de um tombo, um dia de carnaval.

E: Eu gostaria que a senhora falasse um pouco da qualidade de vida aqui no bairro, a questão de trabalho, a sociedade mesmo aqui no bairro, o lazer, do tempo presente, digamos vinte anos para cá. O que a senhora tem de lembrança?

Z: Teve uma melhorinha, né. Porque eles agora, assim, de mês em mês, eles fazem um bingo na associação. E nós freqüentamos o bingo. É uma ajudazinha para a associação. Aí tem sorteio de bicicleta, ventilador, panela de pressão. E eles chamam, o pessoal reúne tudo. É um lazer muito bom.

E: A senhora precisa ir a Niterói ou só aqui por cima, a senhora já consegue ter uma vida tranqüila?

Z: Meu filho faz as compras pra mim. Mas quando eu preciso, eu vou a Niterói. Tem ônibus na porta, né? Estavam dizendo que ia tirar, eu já estava ficando triste. Devido aquela meninada de agora, entram pela frente, não querem pagar. O motorista até se aborrece, o trocador. Mas eu já falei para eles, vocês têm calma. Tem calma porque isso é coisa da vida mesmo.

E: A senhora frequenta a Igreja, aqui de São Lourenço?

Z: Todos os domingos, vou a missa. A Igreja é a casa de Deus. Então, me sinto muito bem quando eu vou a missa, me sinto feliz. O domingo que eu não vou, eu fico triste.

E: Seus pais também eram muito religiosos?

Z: Meu pai frequentava a Igreja em Portugal, ele falava que ele era capuchinho de lá. Ele era muito católico, muito.

E: De que região o seu pai era mesmo?

Z: Era do Minho.

E: Quais as lembranças que a senhora tem da Igreja antes da restauração?

Z: A Igreja de São Lourenço, eu só tenho notícias boas. Porque sou muito devota dele. Mas, que agora ela ficou muito bonita, ficou mesmo. Valeu a pena o que eles trabalharam para ele.

E: E quanto as festas mais recentes de 2003?

Z: Agora, o povo aqui em cima, ele não gosta de ver negócio de segurança, de policial. Ficam revoltados, não gosto não. Graças a Deus, as festas aqui nunca deram briga.

E: E estas festas aqui, de São Lourenço, eram apenas frequentadas por moradores?

Z: Visitantes também, de outras Igrejas.